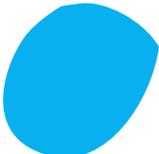


UM BANHO DE LINGUAGEM

leitura com bebês e crianças de 0 a 3 anos

Heloísa de Almeida Pacheco
Sandra Murakami Medrano



Ficha técnica

Produção Editorial

Comunidade Educativa CEDAC

Diretora-presidente

Tereza Perez

Diretoria executiva

Patrícia Diaz
Ricardo Vilela
Roberta Panico

Comunicação

Carolina Glycerio
Emily Stephano

Autoria

Heloísa de Almeida Pacheco
Sandra Murakami Medrano

Revisão

Cristiane Tavares
Hires Héglan

Projeto Gráfico

Luana Haddad

As imagens foram gentilmente cedidas por Educação SM, Editora L'école des loisirs e Somos Sistemas de Ensino S.A.



comunidade
educativa
CEDAC

Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação desta obra só pode ser realizada com a autorização expressa de seus titulares, salvo exceção prevista em lei.



Sobre as autoras

Heloísa de Almeida Pacheco

Formada em Educação Artística (Faculdade de Belas Artes), com especialização em Arte-Educação pela Escola de Comunicação e Artes (USP) e em Literatura para crianças e jovens do Instituto Vera Cruz. Trabalhou como professora e diretora de Educação Infantil. Atualmente é integrante da equipe do Instituto Emília e formadora da Comunidade Educativa CEDAC e do Instituto Avisa Lá.

Sandra Murakami Medrano

Pedagoga, Mestre em educação pela Universidade de São Paulo (USP) e especialista em literatura para crianças e jovens pela Universidade Autônoma de Barcelona. Atualmente é coordenadora pedagógica da área de língua na CE CEDAC, coordenadora pedagógica da biblioteca do Colégio Santa Cruz e professora do curso de pós-graduação no Instituto Vera Cruz. Foi júri dos prêmios literários Jabuti (2020, categoria literatura juvenil), Barco a Vapor (Edições SM), Destaques Emília (Revista Emília), Os 30 melhores livros do ano (Revista Crescer) e prêmio IPL-Retratos da Leitura no Brasil, 2018 e 2019.



Agradecimentos

Agradecimentos ao **Instituto Vera Cruz**, onde as autoras desenvolveram a primeira versão desse trabalho e instituição com a qual CE CEDAC cultiva uma intensa troca de saberes; a **Carlos Pires e Bel Santos Mayer** pela apreciação criteriosa durante a banca examinadora e pelo incentivo para a publicação desse trabalho; às editoras **Fundação SM, L'école des loisirs, Somos Educação Sistemas de Ensino** e aos autores das obras citadas neste artigo (**Fernando Vilela, Frédéric Stehr, Josias Marinho e Stela Barbieri**), e a todos os envolvidos no projeto **Infâncias em Foco**: à **Secretaria Municipal de São Paulo**, às **Diretorias Regionais de Ensino** e a todas e todos **coordenadoras(es) pedagógicas** e **diretoras(es)** com quem em 2019 e 2020 a equipe da CE CEDAC pôde desenvolver esse belo e fundamental trabalho pelos direitos da infância.

“Os livros e o acesso a eles nos comprometem com os fundamentos de nossa ontogênese e de nossa constituição como sujeito e, se os bebês se interessam tão facilmente pelos livros, não é em absoluto por simples imitação do adulto.”

Bernard Golse

Prefácio

A escolha de livros para a primeira infância é mais que uma brincadeira

Bel Santos Mayer¹

Antes de falar propriamente sobre o texto de Heloísa Pacheco (Helô) em parceria com Sandra Medrano, quero expressar a minha alegria ao receber o convite para escrita deste prefácio. Nosso encontro se deu na pós-graduação “Literatura para crianças e jovens” do Instituto Vera Cruz. Sandra introduziu-me ao espaço docente, compartilhando livros, histórias, formulários, dicas, amigos e amigas. Com Helô, estive na relação professora-aluna trocando saberes, fazeres e sonhos. Recentemente concretizamos um deles: reunir mães, avós, irmãos, irmãs, vizinhos(as) e cuidadores(as) de crianças pequenas de uma região periférica da cidade de São Paulo (Parelheiros), para a escrita do livro **Nascidos para ler, no melhor lugar para se viver**. Ambas me ensinaram muito sobre literatura para crianças pequenas e eu tive a oportunidade de apresentar-lhes as bibliotecas comunitárias. Nosso encontro é uma dádiva: um dar-receber-retribuir sem fim.

O e-book “Um banho de linguagem - leitura com bebês e crianças de 0 a 3 anos” chega em boa hora. Temos acompanhado a crescente publicação de livros para bebês e crianças pequenas e, também, uma série de dúvidas decorrentes dessa oferta: os(as) pequenos só se interessam por livros-brinquedos coloridos e cheios de botões que emitem sons para todos os lados? Os livros para bebês devem prepará-los(as) passo a passo para a aprendizagem da leitura, ensinando-lhes cores, números, formas e palavras avulsas? Ou haveria um outro lugar para a literatura na infância?

Temos nos deparado com obras fragmentadas, cujas narrativas, ao invés de estabelecerem um diálogo com as buscas em cada fase do desenvolvimento infantil, subestimam a capacidade das crianças articularem linguagem e sentidos. As autoras

1. Educadora social, coordenadora do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário - IBEAC, cogestora da Rede LiteraSampa, formadora de jovens mediadores de leitura, docente da pós-graduação Literatura para Crianças e Jovens do Instituto Vera Cruz. Licenciada em Ciências/Matemática e Bacharel em Turismo, tem especialização em Pedagogia Social. É mestranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo (EACH/USP), pesquisando a contribuição das bibliotecas comunitárias para o estudo das mobilidades. Prêmios recebidos: Retratos da Leitura no Brasil-2018; Estado de São Paulo para as Artes-2019; 67º Prêmio APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes na categoria “Difusão de Literatura Brasileira”.

nos lembram de que desde muito pequenos(as), eles(as) leem o mundo a partir do que veem e do que lhes é narrado. São as narrativas que os(as) levam às palavras e não o contrário. Essa reflexão nos remete a um dos pensamentos de Paulo Freire sobre a alfabetização: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Heloísa e Sandra, que diante de um livro estão atentas ao explicitado e ao oculto nas frases e imagens, pegam em nossas mãos e convidam a passear por três obras: **Quero Colo!**, de Stela Barbieri e Fernando Vilela; **Zim Tam Tum**, de Frédéric Stehr, traduzido por Graziela Ribeiro dos Santos; e **Benedito**, de Josias Marinho. Com elas vamos nos envolvendo nas narrativas ritmadas, na tensão na virada das páginas e na relação entre imagem e texto, características propícias a conversas sobre o lido.

Devo confessar que esse trio de livros tem presença garantida na estante da minha casa, na sacola de formação e na lista de presentes para sobrinhas e filhos(as) de amigos(as). Depois de conhecer os critérios utilizados pelas autoras para selecioná-los, em diálogo com um consistente referencial teórico, indico-os com maior convicção e posso imaginar que ao final da leitura desse artigo você faça o mesmo.

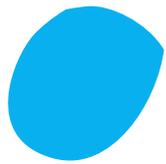
Eu disse que Heloísa e Sandra nos pegam pelas mãos e caminham conosco. A cada conhecimento consolidado problematizam, criam uma tensão, provocam deslocamentos, seduzem-nos à leitura de mais um trecho e nos fazem perceber melhor as implicações do que acabaram de dizer. Um exemplo é quando citam López (2016) sobre a importância de narrar o cotidiano para as crianças; logo em seguida observam: “Cuidado! A literatura para bebês e crianças não se restringe à narração de experiências corriqueiras, marcadas por frases breves, proibições ou permissões” (BONNAFÉ, 2008). Um pouco mais adiante, arrematam dizendo que a criança precisa encontrar-se com novas palavras, histórias e situações que puxem outras. E assim, por todo o texto, vamos lendo e assentindo com a cabeça.

Voltamos aos três livros com olhos atentos e percebemos que há brincadeira, suspense e subjetividades que envolvem os bebês e crianças pequenas. Reconhecemos que são narrativas que não subestimam a infância e tampouco os(as) leitores(as) que as apresentam, sugerindo-nos observar, interagir e aprender.

Destaco o fato de terem incluído na seleção, um livro de autoria negra (Josias Marinho) com protagonista negro (Benedito). Para as crianças negras a possibilidade de ver-se em obras lidas para elas, ainda é muito pequena. E para qualquer pessoa, o encontro com a diversidade humana é benéfica. Fico com esperança de que este artigo encoraje educadores(as) e familiares a colocarem mais melanina em suas escolhas, com personagens negras bem elaboradas, envolvidas em situações não estereotipadas, favorecendo que pequenos(as) leitores(as) tenham uma aproximação efetiva e afetiva com as diferenças.

Eu já tive a oportunidade de ver Helô como formadora literária em espaços educacionais não formais e já assisti a algumas aulas da Sandra na pós-graduação.

Quando li esse texto, de imediato manifestei o desejo de que chegasse a estudantes, educadores(as) e, também, a cuidadores(as) de bebês e crianças pequenas ausentes dos cursos e formações literários. Estou certa de que mais crianças (Beneditos(as) de todas as cores) farão festa (Zim Tam Tum) neste colo literário que Heloísa e Sandra nos deram.



UM BANHO DE LINGUAGEM

leitura com bebês e crianças de 0 a 3 anos

Os estudos e as reflexões aqui trazidos vêm de muito longe na trajetória das autoras deste livro, que teve entre seus marcos desencadeadores um dos projetos desenvolvidos pela Comunidade Educativa CEDAC, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, denominado “Infâncias em Foco”.

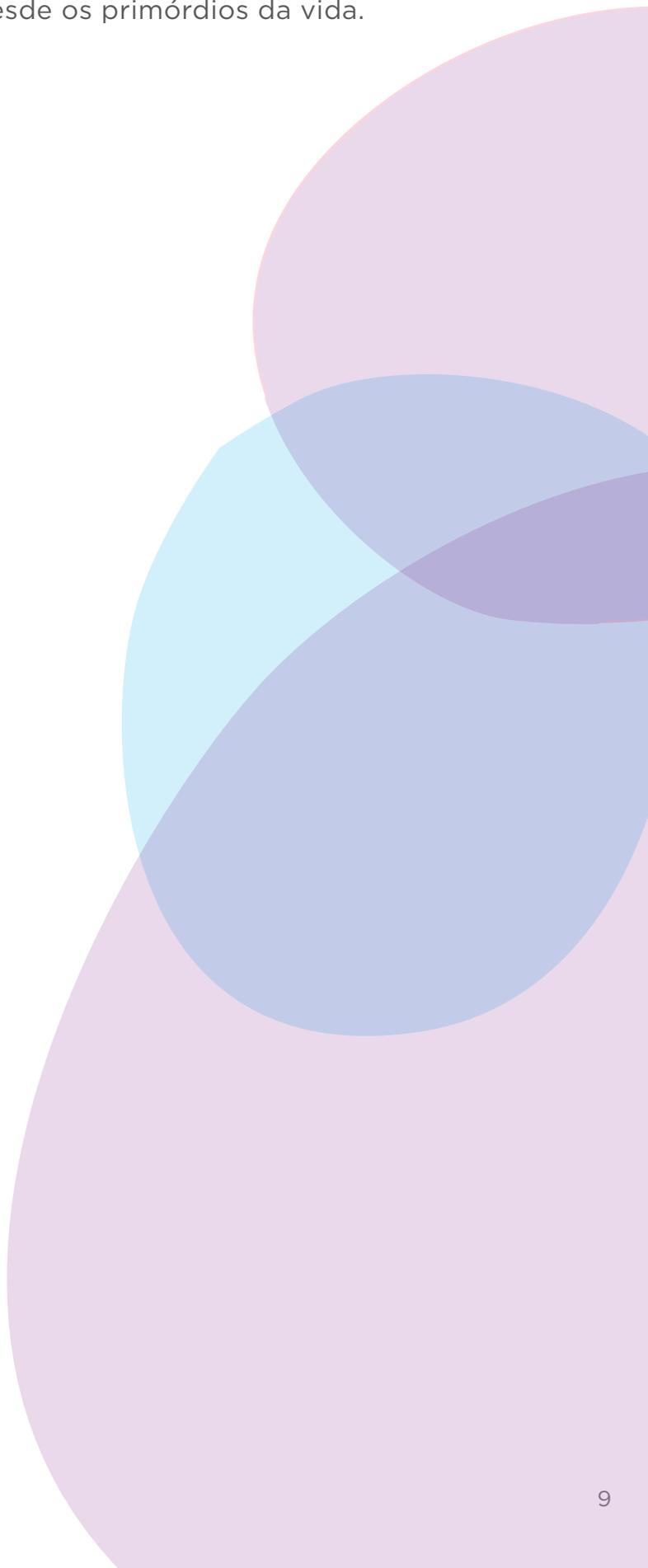
Iniciado em 2019, esse projeto teve como objetivo atuar na formação das coordenadoras pedagógicas e diretoras dos CEIs (Centros de Educação Infantil) parceiros da rede municipal para o aprimoramento do atendimento às crianças de 0 a 3 anos. Heloísa Pacheco foi uma das 15 formadoras e atuou junto aos CEIs parceiros da Diretoria Regional de Educação da Penha.

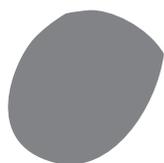
Foi nesse contexto que indagações de muitos anos foram ressaltadas, concepções sobre o livro e a leitura para a primeira infância se fortaleceram e o desejo de colaborar para uma reflexão mais ampla, que pudesse se constituir como um conhecimento a ser compartilhado e apropriado por mais educadores, foi se concretizando.

Neste mesmo período, a participação de Heloísa no curso de pós-graduação “Literatura para crianças e jovens”, do Instituto Vera Cruz, encontrou a oportunidade de sistematização e elaboração de conhecimentos para, dessa forma, se constituir, de fato, como uma referência. E foi no trabalho final desse curso, em parceria com a professora orientadora Sandra Medrano, que as reflexões e intenções iniciais foram tomando corpo, com retomada de conteúdos oferecidos nas diversas disciplinas do curso e a ampliação para outras frentes necessárias para desenvolver uma produção que abordasse a relevância da leitura com bebês e crianças bem pequenas, exemplos de critérios a serem considerados para escolha de livros, a importância da identidade e representatividade no acervo oferecido e o papel da mediação de leitura para a faixa etária de 0 a 3 anos.

Assim, este texto aborda a importância de ler livros narrativos ilustrados com as crianças pequenas de 0 a 3 anos, que constroem suas próprias linguagens inseridas na cultura em que vivem. E, ao lerem os livros literários, interagem com palavras e imagens, relacionando-se simbolicamente com a vida, criando significados. As análises dos livros **Benedito, Quero Colo!** e **Zim Tam Tum** buscaram destacar referências para balizar critérios para a escolha de livros pois trazem, em suas narrativas verbal e visual, a musicalidade do texto, a possibilidade de construção da identidade e a aproximação com as vivências das crianças – critérios importantes na escolha das publicações.

Com o desejo de colaborar com as reflexões e com a certeza da necessária reafirmação do direito inalienável à literatura, desde a concepção de todo ser humano e da relevância em sua constituição, nos propusemos a publicar este material inicialmente elaborado no contexto da conclusão de curso de pós-graduação, mas revisado e adaptado a fim de alcançar um número maior de educadores que buscam se implicar no direito de acesso à leitura desde os primórdios da vida.





A prática de leitura literária

Ao trabalhar com formação de professores, coordenadores pedagógicos e diretores de creches, é comum ouvir que livros para crianças pequenas precisam ter texturas, sons e muitas cores. Essas referências parecem indicar que se pensa em determinados tipos de livros: livro-brinquedo, de plástico, para o banho, naqueles em que os materiais e as estruturas são os protagonistas. É claro que podemos apresentar esses tipos de livro aos pequenos leitores, mas não podemos ficar somente com eles. O que pode estar por trás da escolha que prioriza livros com texturas, sons e muitas cores? Os diferentes tipos de brinquedos já ofertados às crianças, nas diversas materialidades, ou os elementos da natureza não trariam a possibilidade de explorarem e desenvolverem seus sentidos e seus conhecimentos em relação a esse universo?

É possível ter publicações de diferentes formatos e materiais que promovam também a exploração de outros sentidos, mas esses aspectos precisam estar conectados com a composição narrativa presente no livro, na experiência leitora que propõe aos seus leitores, sejam eles iniciantes ou experientes, autônomos ou que dependam de mediação, isto é, tudo no livro está a serviço da experiência estética de leitura.

Os livros considerados aqui como narrativos literários são diferentes daqueles cujo foco é exclusivamente ensinar palavras, objetos, cores, formas ou números, ou outro aspecto, sem que se construa uma história. Estes livros, com intenção “didática”, geralmente apresentam uma imagem para que a criança reconheça e, que muitas vezes, vem acompanhada de um texto de identificação. Na maioria das vezes, as palavras fazem parte de um campo semântico específico, como por exemplo, animal, então, aparecem imagens com determinados animais que são nomeados, como indicam Carvalho e Baroukh (2018, p. 45):

Há livros vendidos como literatura, livros de histórias, que não se constituem como narrativa. É o caso de imagens com legendas, como cores: sob uma forma colorida, aparece seu nome (amarelo, azul, vermelho, verde etc.) Cuidado! Esses não são livros de literatura. Ainda: será necessário usar livros para ensinar cores para os pequenos? Ou as cores estão no mundo, no cotidiano, nos objetos, são escolhidas, preferidas?

Esse tipo de livro está pautado em uma concepção de aprendizagem de que as crianças precisam aprender de pouco em pouco, segmentando os objetos da cultura, como se primeiro precisassem nomear as coisas e só depois pudessem encontrar

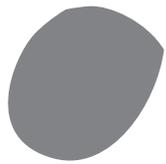
essas palavras inseridas nas frases. Não considera que elas se apropriam desse mundo de forma globalizada e que se aproximam da cultura pelas próprias necessidades e possibilidades. “A língua é complexa e assim deve ser apresentada à criança: em seus usos sociais sem artificializá-la” (CARVALHO e BAROUKH, 2018, p. 33).

Yolanda Reyes (2010, p. 23), especialista em leitura na primeira infância, contribui para essa reflexão destacando as mudanças ocorridas a partir de concepções anteriores ao desenvolvimento de novos estudos sobre a aprendizagem da leitura: “O que anteriormente se conhecia como ‘preparação na pré-leitura’ cede lugar ao reconhecimento do ser humano como leitor pleno e completo, na qualidade de construtor de significado, desde o início de seus dias”.

Nesse sentido, essas autoras destacam a importância que a narrativa dialogue com a experiência da criança e possa estabelecer relações, refletindo e ampliando o olhar para o mundo e para si mesma. É necessário observar o que toca as crianças. Livros que “falem” com elas, que possam oferecer aquilo que estão pesquisando, como a sonoridade das palavras, o eco de suas vivências de modo que queiram ler o livro várias vezes.

Assim, o que destacamos para a leitura com as crianças são os livros que possibilitam explorarem a narrativa, observarem personagens, acontecimentos, problemas, soluções e desfechos. Um bom livro propicia, também, brincar com a linguagem escrita e visual, com as imagens, com o reconhecimento dos sentimentos e daquilo que vivem no cotidiano.

Quando são lidos livros considerados narrativos literários com os bebês ou com as crianças pequenas, apresenta-se a composição num todo, incluindo o ritmo da história narrada, a tensão temporal da virada das páginas, as relações entre a leitura da imagem e do texto, as possibilidades de conversa em torno do lido. Tudo isso imprime um ritmo para a experiência e está ligado ao tempo de interesse do bebê, ao tempo de atenção, de afeto e de vínculo. Isso contribui para a construção da identidade do bebê, da psique, para a capacidade de lidar simbolicamente com a vida. Segundo Bonnafé (2008, p.21): “A narrativa aparece hoje como um ponto de encontro possível entre a teoria psicanalítica e as teorias do desenvolvimento inicial da criança”.



A experiência leitora na primeira infância

Ao pensar nos livros a serem lidos para os pequenos, pode ser interessante destacar o papel que cumpre a leitura de livros literários. Bartolomeu Campos de Queirós, na apresentação do livro **O direito de ler e escrever**, de Castrillón (2011, p. 9), afirma que: “Pela leitura criamos laços e nos aproximamos. Ler é somar-se ao outro, é confrontar-se com a experiência que o outro nos certifica”.

Com as crianças pequenas há dois laços, um é com o leitor que compartilha o livro que lê com a criança; esse é um vínculo que se fortalece, que embalado pelo livro deixa marcas de cumplicidade e alimenta o desenvolvimento emocional e cognitivo. O outro laço que cria é com as histórias, com os personagens, com os quais vai descobrindo o mundo e a si próprio, reconhecendo suas próprias vivências e sentimentos.

As crianças pequenas estão vivendo um momento intenso de descoberta do mundo e é por meio da linguagem que podem construir significados para o que vivem; colaborando assim na construção de sua subjetividade.

Cabrejo-Parra (2013, p. 5) afirma que: “temos dois nascimentos: um biológico e outro psíquico, e a linguagem é a matriz simbólica da construção do sujeito”.

Se a linguagem é a matriz da construção do sujeito, então é necessário observar as formas como ela se realiza no cotidiano. Podemos identificá-la de forma factual e narrativa.

A linguagem factual se dá quando os interlocutores estão presentes na ação, com frases ou palavras que normalmente se complementam com fisionomias, entonações, no contexto em que se inserem. “É a forma básica da linguagem cotidiana. Não está marcada por nenhuma indicação de princípio e nem de final. É fluida, pouco estruturada. O sentido se produz ao mesmo tempo por palavras e pela situação vivida”. (BONNAFÉ, 2008, p.43)

Isso não significa que a linguagem factual seja incorreta ou inadequada, só marca a sua diferença com a linguagem narrativa. Esta segunda, pode estar ligada à narração de um fato do passado, do presente, do futuro, real ou imaginário. É o lugar das histórias vividas, das memórias de família, das narrativas literárias.

Bonnafé (2008, p.55) destaca a diferença e a relevância das narrativas, explicando que os relatos e suas narrações são dois aspectos de um mesmo objeto. “Se trata de um jogo da imaginação entre duas maneiras de colocar em ordem algo que se desenvolve no tempo: a história que supostamente é a referência, e a narração, que

é o desenrolar da história”. E isso permite narrativas que oferecem experiências linguísticas bem distintas.

Assim, se a linguagem factual é habitual e está presente no cotidiano das crianças, é importante propiciar, também, aos bebês e crianças pequenas, diferentes formas de contato com as narrativas, um “banho de linguagem” que tanto os inserem no mundo real, no cotidiano, quanto no ficcional, no imaginário, no poético.

María Emilia López, em um documento publicado pelo Ministério da Educação, aponta para a importância tanto das narrações no cotidiano, que situam a criança em suas vivências, como a narrativa literária, que é a da ficção e das histórias de família.

A narração constitui a principal fonte de entrada para a linguagem. Narramos para sobreviver, para compreender o significado das coisas que acontecem ao nosso redor, para organizar o tempo. Os bebês precisam, prioritariamente, destas experiências narrativas precoces, tanto aquelas que organizam a vida cotidiana (“Agora vou dar banho em você, vou tirar a sua roupinha, depois vamos comer e descansar...”, “Nossa, olha esse passarinho que está em cima do galho, agora saiu voando... é muito colorido!”, por exemplo) quanto as narrações poéticas, que nos dão os contos e alimentam o território da ficção. (BRASIL, 2016, p. 14)

López, neste documento, reitera ainda como as narrativas são fundantes para a constituição das crianças, pois possibilitam que construam significados para o que vivem; e que é necessário não restringir as experiências com a linguagem apenas às falas do cotidiano.

A pesquisadora Marie Bonnafé (2008, p. 47) reforça essa ideia de que é preciso ir além das falas cotidianas, pois, na maioria das vezes, na linguagem factual, são usadas consignas breves, proibições ou permissões; portanto, é preciso propiciar às crianças a oportunidade de vivenciarem “a linguagem da narração que expressa a viagem ao passado, ao futuro ou a lugares distintos do que encenam a vida cotidiana. A língua do relato abre a porta do imaginário”.

Cabrejo-Parra (2013, p. 4-5) evidencia a mesma posição em sua entrevista:

O falar cotidiano é pobre. Devemos dar aos bebês a chance de desfrutar ao máximo as possibilidades dos textos poéticos e literários. Nossa língua é uma fonte inesgotável de produção de frases e de encontro de palavras, coisas que só são descobertas pelos pequenos quando temos o hábito de ler muitas histórias para eles.

Assim, o tempo dedicado às brincadeiras com palavras, às cantigas, à leitura com os bebês e crianças, na imersão nos textos é um tempo de fortalecimento de vínculo, de atenção e cuidado, de escuta de ambos. A criança observa o olhar do leitor adulto e o livro. Relaciona-se com o objeto, com a imagem, com a voz e com o

corpo do leitor que a acolhe e com seu próprio corpo que explora o livro. Se encanta com a sonoridade das palavras, com a exploração das imagens, com o diálogo que o mediador cria a partir da narrativa. Dessa experiência se constrói o significado do que é ler, do que é um livro e inicia uma relação prazerosa com a leitura que vem carregada de afeto e sentido.

Com o tempo e com a constância da experiência, a criança observa que ao retornar ao mesmo livro, encontrará as mesmas imagens e a mesma pauta sonora, e vai construindo significados, (re)encontrando palavras que passam a fazer parte de seu repertório e que ecoam, ampliando a compreensão de si e do mundo.

Assim, também, pode ocorrer ao procurar algumas ilustrações que compõem o livro para - como ocorre com a linguagem escrita - reiterar seu contato com a imagem como, por exemplo, quando revela que “o monstro de uma história é considerado o mais malvado pela criança e foge dele, ela [a criança] está fazendo uma apreciação desse personagem” (LÓPEZ, 2018, p. 65-66); dessa maneira vai criando suas preferências, descobrindo as reiteraões do texto escrito e imagético, construindo o conceito de permanência.

Quando se retorna ao mesmo livro, “o que volta não é apenas uma história interessante, é também a continuidade da experiência, que é a continuidade do ser e as vozes amadas, o regaço poético”. (LÓPEZ, 2018, p. 78). É a volta à experiência simbólica, é o reencontro com os personagens, com a experiência estética, é a lembrança do já vivido.

Nesse sentido, Bonnafé (2008, p. 56) indica que:

Para a criança o livro representa um objeto permanente e estável a partir do qual sua imaginação e sua energia criadora podem tomar voo. As crianças o abrem e o fecham, “viajam”, literalmente. Em um livro todo leitor passeia entre as páginas como quem vai por um caminho ou por um prado. A história está encerrada nele. A criança pode isolá-la para possuí-la melhor. Experimenta assim um desdobramento no tempo, no espaço e no volume do livro.

Considerando esse contexto, analisamos, a seguir, três livros destacando a experiência leitora que podem proporcionar aos bebês e às crianças pequenas.

Apreciação do livro *Quero Colo!*

Há livros literários para crianças em que as palavras estão organizadas de maneira a provocar sentimentos, a tocar o leitor de forma sensível, e nos quais as imagens também cumprem papel de contribuir para esse êxito, podemos afirmar que isso acontece com o livro **Quero Colo!**, de Stela Barbieri e Fernando Vilela, em que o próprio título já é um convite para as crianças remeterem às suas lembranças de colos e de pessoas próximas e queridas.

O livro traz, na capa, uma composição de cores que se contrastam em um jogo entre vermelho, verde, preto, branco e roxo, conforme figura, a seguir.

Figura 1 - Capa do livro: *Quero Colo!*



Fonte: BARBIERI, Stela; VILELA, Fernando. **Quero Colo!** São Paulo: SM, 2016.

Os colos que aparecem já convidam o pequeno leitor a querer um colo, assim como o título diz: “Quero Colo!”. Já a partir dessa entrada pode-se gerar um diálogo entre o mediador e a criança e, até mesmo, um pedido de colo.

Os diferentes colos, nas diversas culturas, nas mais variadas situações e horas do

dia, remetem tanto ao ritmo do cotidiano, em que as crianças bem pequenas estão se apropriando, como também levam a pensar nas diversas famílias e nas formas de dar colo. Isso aponta para a diversidade cultural, assim como para a representação de pessoas de variados fenótipos com as quais é possível haver identificação, espelhamento e empatia. Há, também, uma ampliação do conceito de família, que vai além dos humanos, apresentando os colos de animais.

O colo traz a memória de alguém querido, e ver os diferentes colos, conversar sobre eles, possibilita às crianças criar novos significados para afetos como o acolhimento. Significados e memória contribuem na construção da subjetividade do sujeito e do pensamento.

Além disso, conversar sobre colos e trazer as sensações da memória podem possibilitar à criança entrar em contato com a ausência de um colo, ajudando-a a lidar com a questão da permanência, com a ideia de que as coisas e as pessoas continuam existindo mesmo quando não as vê.

Ao ver o colo do jacaré na ilustração do livro, a criança tanto pode se lembrar das brincadeiras que faz com o corpo dos adultos, de se deitar sobre as pernas dobradas ou sobre a barriga e dar as mãos, como também estranhar os pássaros que estão na boca do animal. Esse estranhamento possibilita a investigação e o diálogo sobre algo diferente do que vive.

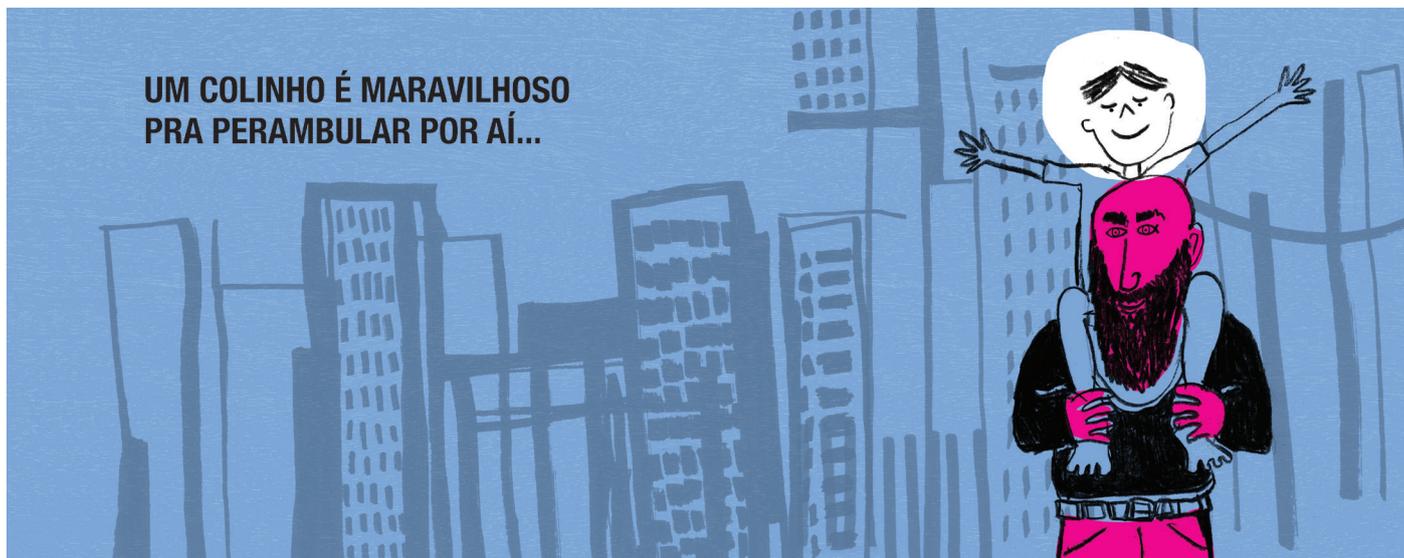
Figura 2 - Colo do jacaré



Fonte: BARBIERI, Stela; VILELA, Fernando. **Quero Colo!** São Paulo: SM, 2016.

O texto, em frases curtas, remete à imagem e a amplia, pois traz mais informações para a ilustração; isso é recíproco em relação às duas linguagens, como podemos ver: “um colinho é maravilhoso pra perambular por aí” dialoga com a imagem de uma criança no ombro do pai, no contexto de uma cidade cheia de prédios ao fundo. O tipo de colo e cenário vemos pela imagem, enquanto o texto é que dá a dimensão do que fazem.

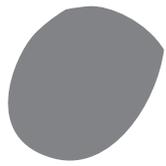
Figura 3 - Criança no ombro do pai



Fonte: BARBIERI, Stela; VILELA, Fernando. **Quero Colo!** São Paulo: SM, 2016.

No final do livro, há uma brincadeira de troca de pares que criança e mediador podem explorar, ao ver um bebê na bolsa do canguru, um pinguim no colo do palhaço ou um filhote de bicho preguiça nas costas de uma mulher.

A brincadeira de perceber o que acontece na história e com a criança contribui para a construção de significado e de seu psiquismo, já que a mediação de um livro pode alimentar a capacidade simbólica e a sensibilidade estética. “Quando entre os objetos e as experiências que se colocam à disposição estão os livros, a música, a pintura, o cinema, a dança, além de explorar e conhecer o que se coloca em jogo há o nascimento da sensibilidade estética”. (LÓPEZ, 2018, p. 51). As crianças exploram o mundo com os objetos disponíveis, porém, ao entrarem em contato com produtos artísticos, elas dialogam com a estética do artista, com sua subjetividade e alimentam a própria sensibilidade estética.



O olhar do bebê e da criança pequena para o livro

Não sabemos ao certo o que pensam os bebês e as crianças bem pequenas e quais são seus sentimentos. Mas com olhar atento e sensibilidade, conseguimos observar quando algo lhes interessa.

Patrícia Pereira Leite (2014), especialista em leitura para bebês e crianças bem pequenas, em seu artigo “Ler histórias para bebês?”, apresenta um registro de leitura que realizou em um abrigo de São Paulo, onde trabalhava como psicóloga.

Nesse contexto, destacamos a participação do bebê ao ouvir a leitura do livro **Tanto, tanto!**, de Trish Cooke e Helen Oxenbury, que trata de uma família que faz uma festa surpresa ao pai. É um livro longo, com imagens grandes, algumas coloridas e outras monocromáticas, em que o ambiente é o interior de uma casa, com seus detalhes. No texto há repetições e onomatopeias. Embora a festa seja pelo aniversário do pai, o bebê é o centro das atenções.

Acompanhando o registro de Leite (2014):

A educadora lia e eu também, enquanto vários bebês exploravam os livros livremente. Rafael (1 ano), assim como as outras crianças, me conhecia bem e tinha acabado de começar a andar. Titubeando, ele se aproxima (desde o começo da história vejo que está atento), e fica vidrado, olha para mim, para o livro, para minha boca, para o livro de novo, sorri e emite barulhos e a cada vez que a sutil imagem de um bebê em preto e branco aparece no pé da página ele jubila e bate com a mãozinha no desenho. Rafael me solicita a ficar nestas páginas mais tempo. Quando acabo de ler, fecho o livro e Rafael reclama, senta no chão, faz biquinho, chora. Começo a falar com ele, pergunto se ele quer ouvir novamente a história, ele se acalma, não responde nem sim, nem não, (ainda não tem este código de linguagem estruturado), porém parece entender o que estou lhe propondo. Quando abro o livro para a releitura, dá um grande sorriso e se coloca novamente de pé: Lá vamos nós compartilhando sorrisos, exclamações, palavras, imagens, gestos, emoções e textos!

O que se pode observar é que Rafael demonstra o desejo de continuar ouvindo a história e que há trechos que lhe chamam mais atenção. Ele interage com a mediadora e com o livro. Seu tempo de escuta é longo, pede para ouvir novamente, prolongando o contato com o adulto, fortalecendo o vínculo afetivo. Nesse movimento de rever

a mesma fala, a mesma pauta, as mesmas imagens, acaba criando uma memória desse livro e assim fará com outros. Aos poucos, consegue antecipar as narrativas conhecidas, tornando um universo protegido em que já sabe o que irá acontecer, sem ter as surpresas das novas histórias. “Os bebês necessitam de tempo para apreender o mundo, são muitas as coisas novas com as quais eles entram em contato”, comenta Leite (2014).

Quando são imersos na leitura, com o tempo, os bebês e as crianças vão construindo um repertório de livros preferidos que inicialmente, provavelmente, reverberem pela musicalidade do texto ou pelo contexto da imagem que pode trazer algo com que se identifica, que reconhece, ou que o atrai imagetivamente e que vai criando significados. São as interpretações que muitas vezes dialogam com suas vivências e que os ajudam a compreender seus próprios sentimentos.

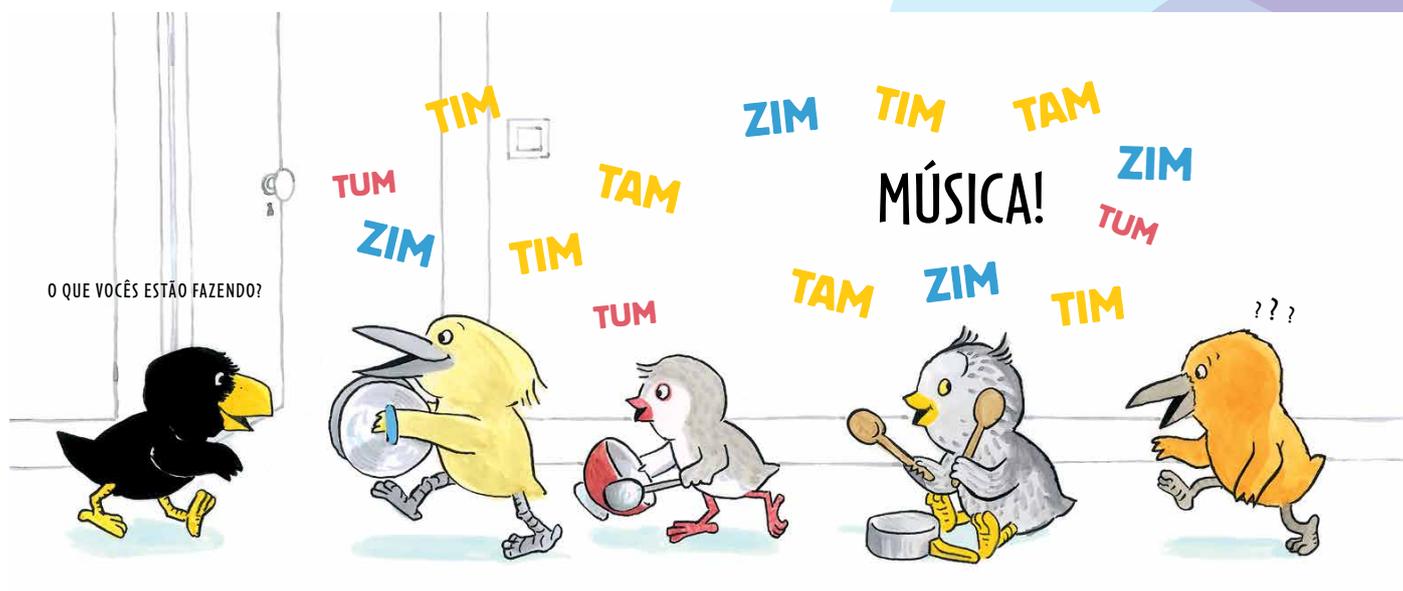
Há livros que conjugam vários pontos atraentes para os bebês; esse é o caso do próximo livro analisado.

Apreciação do livro *Zim Tam Tum*

A maioria dos livros para as crianças contém imagens e muitos exploram a musicalidade do texto, pois se sabe que os bebês, desde os quatro meses de gestação, são sensíveis aos sons, percebem o timbre, o ritmo e ao longo do crescimento, depois do nascimento, vão construindo significado para as palavras, frases, diálogos. Como nos informa a especialista colombiana, Reyes (2010, p. 23): “A construção de sentido que precede o momento em que uma criança pronuncia pela primeira vez uma palavra remonta a uma longa história, cujos antecedentes mais rudimentares podem ser rastreados desde a vida intrauterina”.

O autor Frédéric Stehr, em seu livro **Zim Tam Tum**, explora a musicalidade do texto utilizando onomatopeias que representam os sons que os personagens extraem dos instrumentos improvisados.

Figura 4 - Musicalidade do texto utilizando onomatopeias



Fonte: STEHR, Frédéric. **Zim Tam Tum**. São Paulo: SM, 2018.

Explora, também, a repetição de frases, como “o que vocês estão fazendo?”, “música”, “espere aí”, “já volto”. Essa repetição se dá a cada entrada de nova personagem, gerando expectativa, criando um ritmo e também uma musicalidade que pode ser explorada na leitura em voz alta. Essas características propiciam que a criança, depois de ouvir essa história algumas vezes, ao virar as páginas, comece a antecipar a narrativa, participando ativamente da leitura.

Trata-se de uma narrativa construída com texto escrito e imagético, em que um colabora com o outro. Uma história acumulativa que se inicia com uma personagem

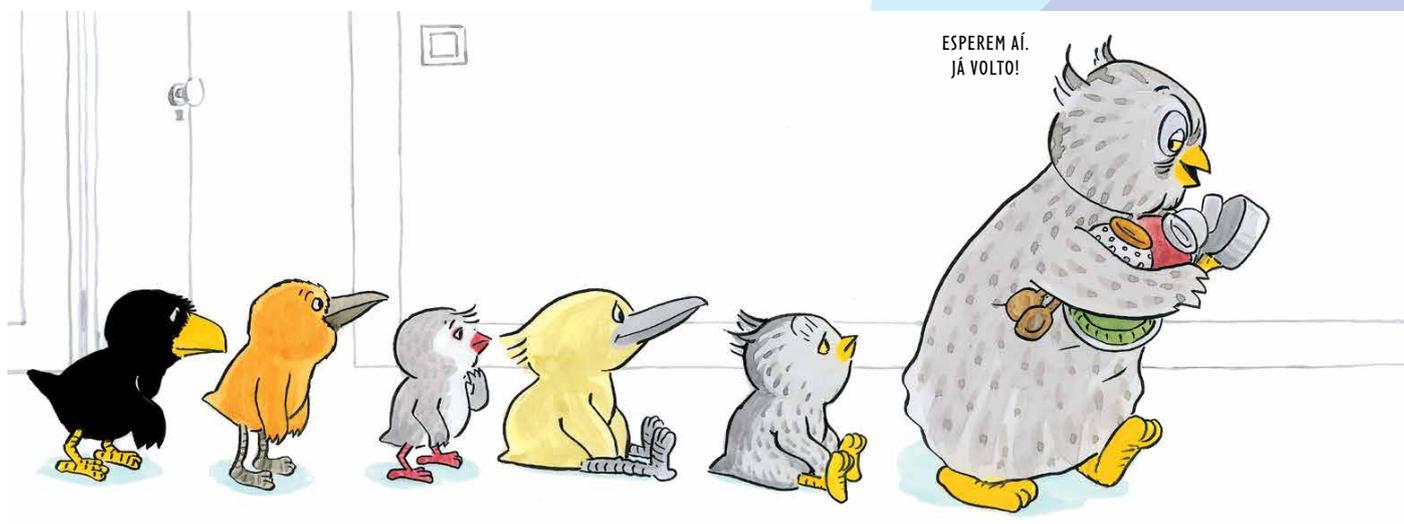
e ao longo do texto vai ganhando novas, assim também é com o som que produzem, que vai se adensando com as onomatopeias.

Os elementos que constituem o ritmo desse livro são os sons, a entrada das personagens na trama, a repetição acumulativa das falas. É o ritmo externo, da narração que dialoga com a construção do ritmo da vida dos bebês, da existência, das mamadas, do sono, das trocas de fraldas, do banho, da brincadeira.

Teresa Colomer, pesquisadora espanhola, destaca que a maioria dos livros para as crianças potencializa a “leitura identificativa”. Segundo ela, “os livros adotam um conjunto de elementos idênticos (formatos, desenhos etc.) e criam uma sensação de ordem, em uma etapa da vida em que a regularidade é muito necessária” (2007, p. 56).

Se o ritmo da narrativa se dá de forma crescente com a entrada das personagens, há um momento de rompimento com a chegada da figura adulta, remetendo à noção de família. Nesse instante cria-se um suspense. Os filhotes estão envolvidos em produzir sons, quando entra em cena o pássaro adulto, perguntando: “mas o que vocês estão fazendo?”. Diferente da pergunta realizada pelas outras personagens, aqui há um “mas”. Na página seguinte, os objetos são recolhidos. E temos um momento de tensão: O que será que vai acontecer? Na imagem, os pequenos se mostram desanimados.

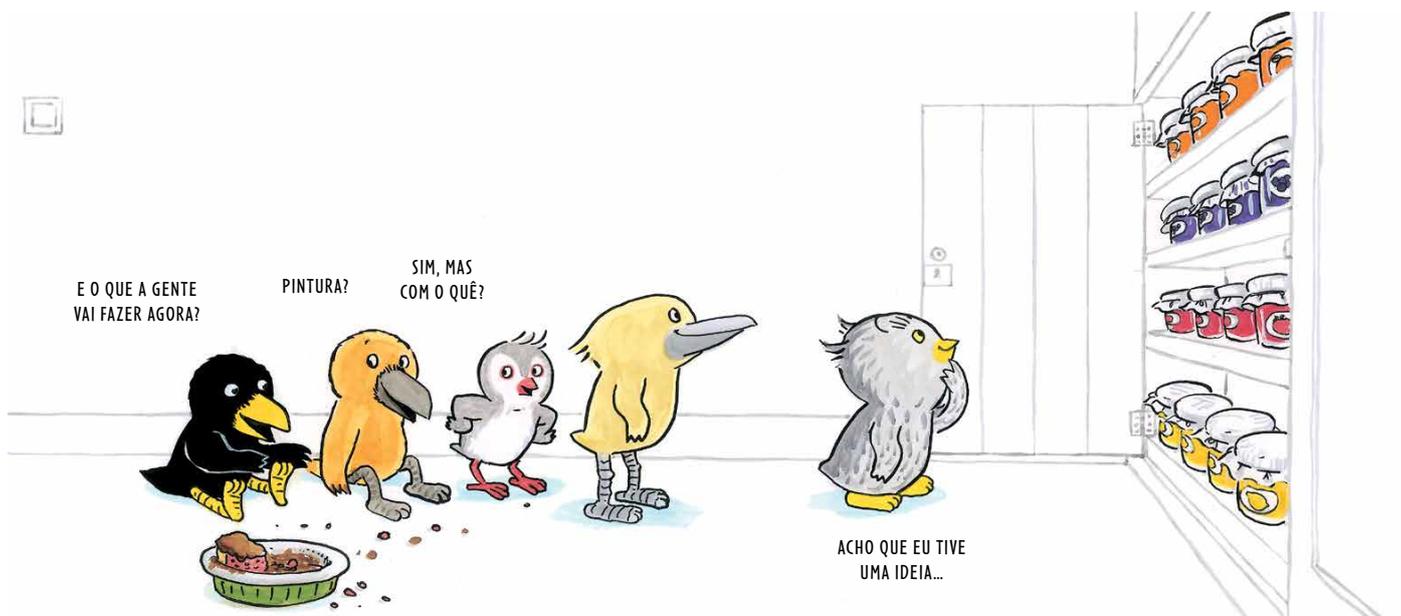
Figura 5 - Os pequenos desanimados



Fonte: STEHR, Frédéric. **Zim Tam Tum**. São Paulo: SM, 2018.

A tensão se desfaz com a virada da página, as personagens encontram uma solução, indicando uma nova experiência: “pintura?”. O olhar para os potes coloridos vem em resposta; porém a narrativa deixa o desfecho em aberto, não mostra o início de uma nova brincadeira, mas traz a sensação de que uma outra pesquisa começará, como história circular, em que o fim remete a um novo começo.

Figura 6 - O olhar para os potes coloridos



Fonte: STEHR, Frédéric. **Zim Tam Tum**. São Paulo: SM, 2018.

As personagens, todos pássaros filhotes, cada um de uma cor e com características físicas distintas, apontam para a diversidade, para as singularidades em que produzem diferentes sons que vêm em cores diversas e remetem aos instrumentos que cada animal toca: panela, tampa, colher, tigela, escorredor, concha, garfo, escumadeiras – objetos do cotidiano da casa, muitas vezes explorados pelas crianças para fazer som. Com isso, os pequenos reconhecem suas próprias vivências.

O autor cria esse delicado livro que dialoga tanto com a musicalidade e com as pesquisas sensoriais das crianças, em especial as experiências com os objetos que produzem sons. Ele também utiliza como recurso o fundo branco, com poucos traços que situam onde a história acontece, sem tirar o foco das personagens, muito pelo contrário, explora o contraste do branco com as cores dos pequenos pássaros.

A escolha dos pássaros para serem as personagens também cria uma empatia com os pequenos leitores, que se afeiçoam a esses animais miúdos.

Colomer indica que o uso de personagens fantásticos como animais são muito comuns como protagonistas de narrativas infantis por favorecer, por um lado a identificação infantil, mas também o “distanciamento entre o leitor e uma história especialmente transgressora das normas sociais ou demasiadamente dura afetivamente” (2007, p. 56). Então, se por um lado as crianças se identificam com os filhotes de aves, por sua graça e tamanho, por outro permite que estejam “seguros” por não se considerarem culpados pelos barulhos feitos por esses animais que rompem o silêncio valorizado pelo universo adulto, apesar de remeter a ações típicas desses pequenos.

Todos esses elementos analisados levam a criança pequena a se encantar por esse livro, que pode ser explorado de diversas maneiras durante a leitura, desde as

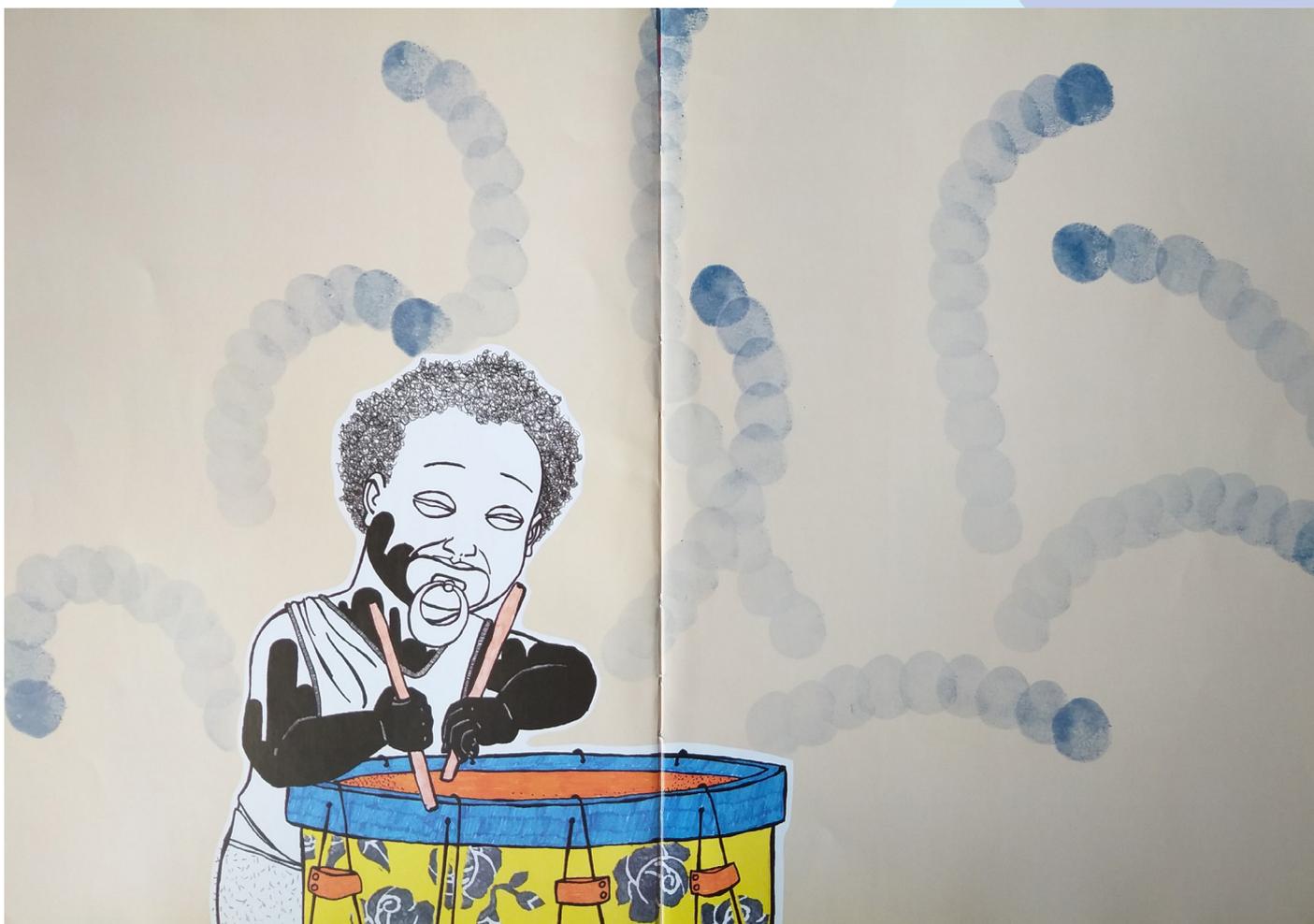
brincadeiras com os sons, as descobertas dos objetos cotidianos que emitem sons, a surpresa final, a repetição de frases, a apreciação dos diferentes pássaros e a relação com suas vivências, as explorações sonoras.

Apesar de ter todas essas portas de ligação com o leitor, é importante ficar atento e observar especificamente o que atrai a criança, o que lhe chama atenção e o que quer explorar. Embora seja uma publicação com poucas páginas e com textos curtos a cada página, não é necessário se preocupar em chegar ao fim do livro, é importante criar uma cumplicidade entre adulto e bebê ou criança, durante a leitura. Com o passar do tempo, conforme as experiências leitoras aconteçam, serão os pequenos que desejarão ler o livro inteiro.

Apreciação do livro *Benedito*

No livro **Zim Tam Tum**, a diversidade é representada na caracterização das personagens pássaros, já no livro **Benedito**, de Josias Marinho, pode se pensar na questão da representatividade, pois o protagonista da história é uma criança negra, de cabelo crespo, que aos poucos vai reafirmando sua cultura e negritude, construindo uma identidade. Poderia dizer que este livro propicia o que indica Reyes (2010, p. 25): uma “amarradura entre a história particular e a história humana escrita”, já que a narrativa se constrói a partir de elementos de uma manifestação cultural afro-brasileira, a congada.

Figura 7 - O protagonista da história



Fonte: MARINHO, Josias. **Benedito**. São Paulo: Saraiva, 2014.

Se no livro **Benedito** o protagonista de chupeta está construindo sua identidade, é também a primeira infância o período de constituição do ser, em que se dá a

“elaboração de um psiquismo (fundamento da capacidade de pensar e simbolizar) e o ingresso no território da metáfora, do fazer ‘como se’, a capacidade de construir a realidade da fantasia.”² (LÓPEZ, 2018, p. 48-49). É um período em que o olhar do outro, o diálogo com a criança e o que lhe é apresentado culturalmente interferem em sua formação, em seu imaginário. Ainda em López:

As crianças pequenas exercitam seu domínio sobre o mundo explorando e construindo significados. Vivem a maior parte do tempo nessa zona intermediária que Winnicott denominou como “espaço transicional”, zona construída com elementos do mundo interno e do mundo externo, do que ele recebe do meio e também de suas próprias vivências, de suas experiências nascentes. O espaço transicional é a zona subjetiva por excelência do ser humano, em que se desenvolve seu aspecto mais criativo e singular. Nessa zona ocorrem os fenômenos ligados à arte e ao brincar, a experiência cultural. Ela se alimenta dos estímulos do meio e também da própria capacidade de internalização porque, a partir da relação com seus cuidadores adultos, dos balbucios correspondidos, da música concedida, as brincadeiras com as mãos, o olhar compartilhado para os objetos externos e do apoio amoroso, o bebê é capaz de construir uma interioridade. (2018, p. 49-50)

É a partir do diálogo e do vínculo afetivo com os pequenos que eles vão se sentindo acolhidos, passam a compreender esse mundo e conseguem se sentir seguros para explorá-lo. Os significados que vão construindo juntamente com seus pares possibilitam aos pequenos criarem sentidos e passarem a ler esse mundo.

A leitura é uma atividade muito mais ampla que ler livros: é se sentir desconcertado diante do mundo, procurar signos e construir sentidos. Winnicott dizia que a criança tenta ler o rosto de quem cuida “do mesmo modo quando olhamos o céu para ver se vai chover”. Por sua vez, essa dedicação e esse esmero que a criança tem em ler o rosto da mãe para sobreviver são uma construção intimamente ligada à leitura dos livros, à atenção sobre uma imagem, um gesto das mãos ou algum tom, na série de significantes que fazem a metáfora. (BRASIL, 2016, p. 21)

Essa leitura que a criança faz do mundo, por meio das percepções sensíveis em que extrai significados de gestos, movimentos, olhares, sons, cheiros, alimenta a construção do psiquismo, quando o bebê começa a compreender o que o rodeia e se expressa pelas várias linguagens, criando um canal de diálogo, por meio do qual vai desenvolvendo seu pensamento, construindo a representação sobre si e o mundo que o cerca.

No livro **Benedito**, além da personagem, o autor também é negro, o que possibilita

2. A partir da necessidade de recuperar a mãe, o bebê começa a fantasiar o peito, necessidade de alimentação que faz crescer a fantasia, em princípio a serviço da sobrevivência. O bebê que precisa recuperar o peito constrói a ilusão de que, por sua onipotência, é capaz de criá-lo, de trazê-lo por sua vontade. Essa primeira “criação” da criança põe em ação sua mente e sua capacidade criadora em todos os sentidos (WINNICOTT, 1975 apud LÓPEZ, 2018, p. 49).

às crianças e a toda a comunidade escolar, o terem como referência, em uma ação afirmativa de revelar a capacidade humana sem discriminação étnica, isso é relevante porque existe no Brasil “um sistema perverso marcando a ferro as representações sociais entre segmentos populacionais”³ (LIMA, 2020).

Segundo Mayer e Gomes (2021), em função da Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBN, Lei nº 9.394/1996) incluindo a história e cultura afro-brasileiras na educação, há um movimento maior de trazer os livros escritos nessa tradição para as escolas. Ainda há, no entanto, resistência por parte de setores preconceituosos que não aceitam a mitologia dos orixás e a cultura afro-brasileira como parte da formação curricular.

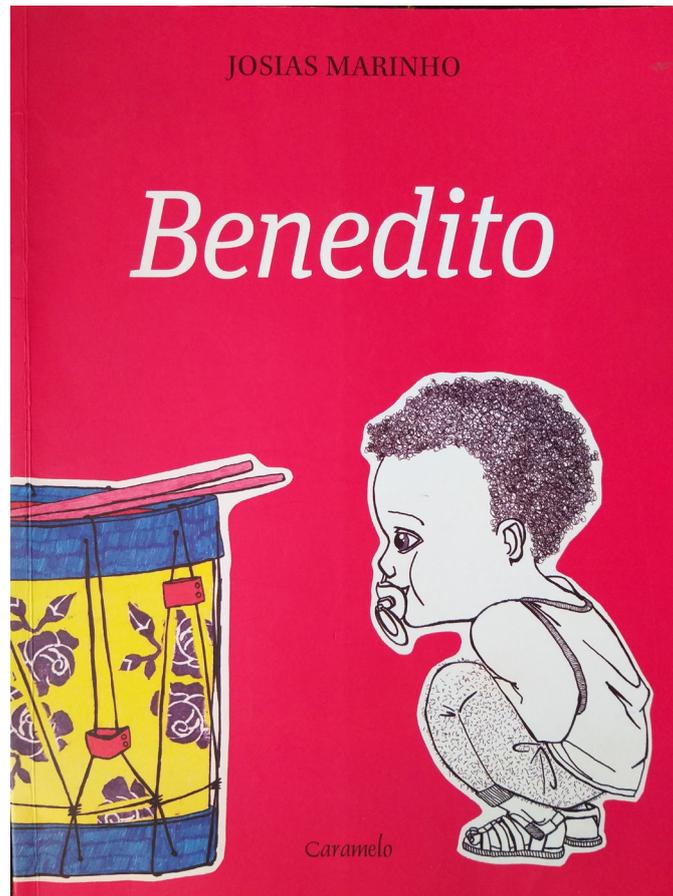
Embora haja uma crescente produção de livros que trazem protagonistas negros e negras, ainda são necessários movimentos afirmativos para que essas obras estejam mais presentes nas salas de aula, sendo lidos pelas crianças, pois ainda há atitudes que tentam invisibilizar as culturas indígenas e africanas, em prol de uma cultura europeia centrada nos indivíduos brancos.

Mas um livro com um personagem negro é importante só para as crianças negras? Não. É fundamental que todas as crianças encontrem uma diversidade de etnias representadas nos livros, sem marcas estereotipadas, caricatas, pejorativas, atuando nos diversos papéis sociais para que haja princesas negras, indígenas, com traços orientais, árabes, inseridas em suas culturas, assim como Benedito está inserido no Congado. Isso é necessário para que as crianças possam desenvolver empatia por todas as pessoas, respeitando a diversidade e as diferentes culturas, pois é, também dessa maneira, que se constrói uma sociedade mais justa.

Além disso tudo, vale destacar o valor estético do livro **Benedito** que já na capa atrai o leitor, com seu fundo vermelho, com a personagem representada em preto e branco, agachado, observando o tambor colorido. Ambos ocupam semelhante tamanho de espaço na capa, quase que colocando o tambor como outra personagem.

3. Pesquisa divulgada na revista Cult, em 5 de fevereiro de 2018, sobre autoria e personagens no romance brasileiro, realizada pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília, sob a coordenação da professora Regina Dalcastagnè, em que analisam livros lançados entre 2005 e 2014 pelas editoras Record, Companhia das Letras e Rocco, revela que de 197 autores, 192 são brancos e 5 não brancos. De 412 romances lançados, 256 tem protagonistas que são homens brancos, 136 mulheres brancas, 16 homens negros, 6 mulheres negras. Em relação a 151 narradores desses romances, 103 são homens brancos, 44 mulheres brancas, 2 homens negros e 2 mulheres negras. Isso demonstra a falta de presença de autores negros/negras na literatura brasileira e de ter a representação da diversidade fenotípica existente no Brasil, afinal somos uma população de maioria não branca. Há uma clara tentativa de apagamento do negro, de sua cultura na literatura, quando olhamos para os dados dessa pesquisa.

Figura 8 – Capa do livro: *Benedito*



Fonte: MARINHO, Josias. **Benedito**. São Paulo: Saraiva, 2014.

Marinho, assim como Stehr, escolheu a neutralidade do fundo bege, no miolo do livro, para realçar as ações da personagem. Com isso, leva o olhar do leitor a observar os movimentos do corpo, os gestos, a expressão, o olhar de Benedito, o tingimento de seu corpo e o resultado de sua ação com o tambor, um elemento de sua cultura.

Na primeira página é só o tambor que aparece, enquanto na seguinte Benedito observa-o com ar de interrogação. Esse mesmo sentimento perpassa o leitor. O que acontecerá? Há um convite para adentrar à história.

Na interação entre Benedito e o tambor, há na imagem pontos que formam ondas para revelar o movimento do instrumento e a representação do som, sem que esteja expresso por letras ou cifras.

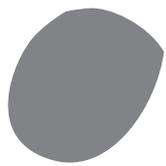
É com a exploração sonora do tambor que Benedito vai se constituindo, seu corpo enegrecendo, numa clara menção à constituição de sua identidade inserida na cultura. O colorido que veio com o tambor, com o som, chega também com as roupas do Congado, entregues a ele por uma mão negra adulta, que surge do alto da página. Presenciamos a transmissão de uma cultura entre gerações.

Figura 9 - A exploração sonora de Benedito



Fonte: MARINHO, Josias. **Benedito**. São Paulo: Saraiva, 2014.

É nessa entrada na cultura, no ritual de passagem, que Benedito deixa a chupeta, com que é representado no início da narrativa. É seu nascimento cultural, quando o protagonista veste a roupa do Congado, assim como leva os chocalhos nos tornozelos. Benedito nos apresenta esse nascimento de identidade, enquanto o próprio leitor também se constrói culturalmente. “O homem, ao construir sua cultura, se constrói a si mesmo” (VYGOTSKY, 1975 apud REYES, 2010, p. 22).



Considerações para escolha de livros

Ao ler livros com narrativas literárias com bebês e crianças de 0 a 3 anos, é possível explorar as histórias em que elas podem reconhecer suas vivências, ampliá-las e criar significados, tanto em relação ao que está representado, como expandir a compreensão do que vivem e sentem, do universo que as cercam e que se apropriam no dia a dia.

Ao escolher os livros é importante levar em conta que, nessa fase, as crianças estão muito voltadas para a musicalidade da língua, constroem significados em relação à linguagem à medida que podem interagir com ela e com os adultos próximos. É nessa imersão na linguagem, que constroem a abstração, a imaginação, o pensamento, a psique.

Em um livro de qualidade artística, o texto escrito, suas imagens e seu projeto gráfico colaboram na construção da narrativa, e quanto mais consistentes são essas composições, mais instigantes o universo literário, proporcionando diferentes níveis de apropriação da história e também de compreensão do mundo, de si e a constituição da própria identidade.

Logo que o bebê se apropria do livro e faz dele seu objeto, começa a procurar, além deste contato físico, sensorial e estético, compreender: o começo, o final, a ordem das páginas, o direito e o avesso, as ilustrações e os personagens representados, as letras, suas organizações e repetições... O bebê rapidamente entende que as palavras do livro “contam o mundo” (Leite, 2014).

Dessa forma, esses livros retratam o mundo e contam também sobre o que vivem e sentem as crianças.

Os livros aqui escolhidos para a análise levaram em conta a diversidade de personagens, a representatividade, com a certeza de que são as escolhas dos adultos que interferem na formação da criança.

Além disso, os livros apresentam construção consistente da narrativa, com o entrelaçamento entre as linguagens escrita e visual.

Estes livros partem do princípio de que as crianças pequenas estão construindo sua linguagem, seu pensamento e sua psique, e de que, no movimento de exploração com a linguagem, a musicalidade do texto é algo que lhes chama atenção, então as rimas, as onomatopeias, as repetições atraem pela sonoridade das palavras que, aos poucos, conquistam significado. Corroboram para isso, ainda, a sonoridade sugerida

graficamente em algumas marcas impressas nas imagens dos livros destacados.

Outro ponto considerado é a possibilidade de a criança remeter a imagem vista no livro às suas próprias experiências.

O livro, como se vê, é uma vantagem nas interações, um valioso auxiliar. A qualidade literária do texto e a das imagens são elementos primordiais. Dar a ver e escutar um relato a uma criança é uma experiência que lhe oferece tanta alegria e excitação afetiva e intelectual, assim como o descobrimento de sua própria imagem no espelho. Porém com a particularidade que oferecem as histórias de jogar com o tempo, de recorrer ao passado, ao presente e ao futuro (BONNAFÉ, 2008, p. 83).

Poder encontrar nas narrativas literárias ficcionais momentos vividos e imaginados e jogá-los nesse tempo presente propicia que se revise as emoções com distanciamento e com a segurança que a presença de um mediador possibilita à criança para encontrar nas histórias um espaço de recriação da vida e de si.

Referências bibliográficas

BARBIERI, Stela; VILELA, Fernando. **Quero Colo!** São Paulo: SM, 2016.

BONNAFÉ, Marie. **Los libros, eso es bueno para los bebés.** Barcelona: Océano Travessia, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Bebês como leitores e autores.** Brasília, DF: MEC/SEB, 2016. Disponível em: http://www.projetoleituraescrita.com.br/wpcontent/uploads/2017/08/Caderno_4.pdf. Acesso em: 10 ago. 2020.

CABREJO-PARRA, Evélio. Leitura na primeira infância é essencial para a construção do sujeito. [Entrevista cedida a] Elisa Meirelles. **Nova Escola**, Educação Infantil – Leitura para bebês, abr. 2013. Disponível em: https://novaescola.org.br/cursos/wpcontent/uploads/2018/09/NE-cursos_leitura-bebes_etapa2.pdf. Acesso em: 1º dez. 2020.

CARVALHO, Ana Carolina; BAROUKH, Josca Ailine. **Ler antes de saber ler:** oito mitos escolares sobre a leitura literária. São Paulo: Panda Books, 2018.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever.** São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros.** São Paulo: Global, 2007.

COOKE, Trish; Oxenbury, Helen. **Tanto, tanto!** São Paulo: Ática, 1994.

LEITE, Patrícia Pereira. Ler histórias para bebês? **Revista Emília**, São Paulo, nov. 2014. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/ler-historias-para-os-bebes-2/>. Acesso em: 10 set. 2020.

LIMA, Heloisa Pires. Caçadas de Pedrinho e decisões judiciais na rede. **Portal Geledés**, 13 maio 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cacadas-de-pedrinho-e-decisoes-judiciais-na-rede/>. Acesso em: 1º dez. 2020.

LÓPEZ, Maria Emília. **Um mundo aberto.** Cultura e primeira infância. São Paulo: Instituto Emília, 2018.

MARINHO, Josias. **Benedito.** São Paulo: Saraiva, 2014.

MAYER, Bel Santos; GOMES, Luciana. Abrindo veredas para ver e ler além dos espelhos: um estudo sobre a recepção da mitologia dos orixás afro-brasileiros por crianças. *In*: TAVARES, Cristiane; WEISZ, Telma (org.). **Literatura e educação.** Porto Alegre: Zouk, 2021.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária**. Leitura e literatura na primeira infância. São Paulo: Global, 2010.

REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar**. Literatura, escrita e educação. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

STEHR, Frédéric. **Zim Tam Tum**. São Paulo: SM, 2018.

WINNICOTT, Donald. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.



comunidade
educativa
CEDAC

Rua Capitão Prudente, 165
Pinheiros 05422-050
São Paulo, SP

comunidadeeducativa.org.br



/cecedac



/ce_cedac



/cedacvideos

aprender sempre **ensinar** melhor **aprender**